

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 3

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

O templo romano, pelo sr. GABRIEL PEREIRA.....	Pag. 33
Carta de M. G. de Congny ao sr. Possidonio da Silva.....	» 37
Explicação da Estampa n.º 47, pelo sr. J. da SILVA.....	» 40

SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Architectura da idade media (continuação), pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 41
Apontamentos acerca do modo de promover os concursos de obras architectonicas, approvados pelo Real Instituto dos Architectos Britannicos.....	» 45
BIOGRAPHIA DO PRINCIPE PBISDANG.....	» 46
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	» 47
NOTICIARIO.....	» 48

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

AO EMINENTE ARCHEOLOGO

JOAQUIM POSSIDONIO NARCISO DA SILVA

I

O templo romano

O templo romano de Evora figura entre as principaes antiguidades da peninsula hispanica, a primeira como representante da grande arte greco-latina, uma das melhor conservadas, unica no seu genero em todo o occidente hispanico, porque existem vestigios de varios templos pagãos, de nenhum porém que se approximasse da magestosa construcção romana, em grande estylo, que formava a corôa da cidade municipal Eborã, ou Liberalitas Julia.

O Templo é elegantissimo. Sobre um solido envasamento de *opus incertum*, com moldura de grossos silhares formando sócco e cornija, ergue-se a columnata completa na face norte, incompleta nas de oriente e poente; na oriental ha quatro columnas completas além da angular, na occidental restam duas completas, duas perderam os capiteis, da quinta existe a base apenas.

Sobre todas as completas assenta ainda parte da architrave; os fustes são de granito, estriados de doze meias canas cada um; bases e capiteis de mármore branco, de Estremoz, sendo os capiteis co-

rinthios e bem lavrados; para effeito de perspectiva, para mais elevada e esbelta parecer a columnata os fustes são ligeiramente curvos ou boleados, isto é, não são perfeitos e regulares troncos de pyramide conica.

E' hexastylo, tem seis columnas na face menor.

E' pyknostylo, quer dizer, o intercolumnio tem diametro e meio de columna; é o minimo intercolumnio consentido na grande arte romana.

As dimensões principaes são as seguintes :

Altura do envasamento.....	3, ^m 46
Largura no sócco.....	15, ^m 25
Comprimento no sócco.....	25, ^m 18
Altura da columna (total).....	7, ^m 68
Maior diametro do fuste.....	1, ^m 00

O intercolumnio varia de 1,^m35 a 1,^m68.

A altura total do edificio, ao vertice ou fastigium, seria proxima de 15 metros.

A disposição das columnas, as proporções, recordam a *maison carrée* de Nimes, e o templo de Antonino e Faustina (2.º seculo).

O estado actual do templo é, em nosso parecer, o mesmo em que se achava ha muitos seculos; por que no findar da idade media já servia de açogue, e por consequencia muito alheio ao fim para que foram construidos os paredões em que as colum-

nas estiveram embebidas até 1870, e o muro ameaçado sobre a architrave; não é de modo algum provável que para um mister banal se erguessem grossas paredes, ou antes muralhas, com sua coroa de ameias; mais verosimil é pois que o templo, tal como existiu até 1870, fizesse primitivamente parte do castello que na idade media occupava a parte superior da cidade, e do qual ainda restam as torres da casa Cadaval (palacio das cinco quinas), a do posto meteorologico, e um lanço de muralha e porta, que parece principal, no edificio da Bibliotheca.

Ora o castello foi tomado pelo povo, queimado, e em parte desfeitos os seus muros por occasião dos tumultos d'Evora na aclamação do mestre d'Aviz, quando alguns dos principaes da cidade, tomando voz por Castella, se acolheram nas suas fortes muralhas.

Demais as janellas de volta redonda que em partes rompiam a parede occidental do templo levam-nos ao romão, tão raro em Evora por causa da longa dominação sarracena, ainda representado por alguns detalhes, janellas e capiteis, da velha cathedral, quer dizer no maximo ao seculo 12; ora não temos motivo

algum para affirmar que os arabes destruissem, nenhum indicio sequer, ao contrario os arabes na peninsula salvaram e construíram. Se estes não destruíram, e se logo que findou o seu dominio se fizeram as muralhas do templo, então a ruina — a redução ao estado actual — deve ter sido rapida, muito rapida; temos que ir antes da invasão agarena, devemos limitá-la ao dominio gothico, ou á epoca das grandes invasões germanicas, ás evoluções tumultuosas de suevos, vandalos e godos; tão rapida que talvez mais se deva attribuir a violencia extrema, a destruição movida pelo zelo religioso contra o templo pagão, e não ás causas naturaes, pois em volta do templo se não achou, quando se fizeram as excavações, fragmento algum importante de columna, capitel ou estatua; só um pedaço de uma base de estatua, um dedo de figura collossal, e pequenos fragmentos de folhagem dos bellos capiteis corinthios. Achado ainda assim importante, porque affasta de vez uma hypothese, a de se não ter acabado o templo; porque os vestigios da base e da estatua, assim como os tanques que rodeavam o templo, provam que elle esteve completo,

funcionou, e a natureza de laes fragmentos prova que a destruição foi violenta, brutal.

Se a ruina fosse produzida pelo natural desmoronamento em redor, encontrar-se-iam vestigios importantes, ou nas edificações proximas teriam aproveitado as peças principaes, e nada d'isto succede.

Em muitos pontos do envasamento ha restos da conhecida argamassa romana formada de fragmentos de tijolo, de extrema rijesa, mostrando que todo o *opus incertum* foi assim revestido primitivamente.

O templo ergue-se isolado a meio de um formoso terreiro em parte arborizado, n'uma quasi completa moldura de grandes recordações historicas e dramaticas; o palacio dos Mellos, antigos marquezes de Ferreira, onde João II, o grande vulto da 2.^a dynastia,

o rei das nobres energias e das lugubres tragedias, teve encerrado o duque de Bragança, Fernando II; do outro lado um paredão pesado e monotono, de construcção relativamente recente, forma uma face inteira do antigo edificio da inquisição; ao sul o paço dos arcebispos, as grandes linhas severas e nobilissimas da velha sé eborense, a mais completa cathedral que temos no paiz; junto



O templo romano

d'estes um edificio de paz e de sciencia, a Bibliotheca publica, o grande monumento de Cenaculo.

Em 1841 a Duqueza de Palmella cedeu os cazadores da inquisição velha que pegavam ao templo; chamavam *inquisição velha* a esses feios pardieiros, então completamente abandonados; *inquisição nova* é a parte que ainda subsiste.

Derribados os pardieiros ficou uma rua larga e o templo isolado, uma edificação singular, pesada a modo de grande cubello solitario, com suas ameias e um pequeno campanario na face norte, onde mais antigamente estivera collocado o sino municipal, o sino de correr; as columnas emergiam pouco da muralha bruta; uma porta em ogiva estava na parede norte, sobre a cornija do envasamento (as duas columnas medias foram entalhadas para a installação da porta); janellas de volta redonda rompiam a parede do lado do poente.

Era um todo mysterioso, cheio de interrogações; um grande edificio escuro e severo com uma porta alta por onde era impossivel entrar; com aspecto de fortaleza pelas ameias, de igreja pelo

campanario, pequeno, singelo e viuvo da sineta.

André de Resende não viu ali o templo, viu apenas que eram restos de um edificio romano, chamou-lhe *portico*. . . «e assim fez trazer (refere-se a Sertorio) a agua da Prata a um portico no mais alto da cidade, d'onde se repartia pelas regiões d'ella».

Diogo Mendes de Vasconcellos e Gaspar Estação também lhe chamaram portico.

Severim de Faria menciona as *fabricas corinthias* de Sertorio.

Ao padre Fialho, auctor da Evora Illustrada, pertence, segundo parece, a paternidade da denominação — *Templo de Diana* —; e não contente com isto foi affirmando logo ter sido fundado por Sertorio.

Infelizmente não podemos saber a que divindade foi este templo consagrado; existe um fragmento da ara com vestigios da inscripção, inuteis porque os raivosos destruidores apagaram a camartello os caracteres; e o que resta é um marmore de 9 decímetros de altura; conserva restos dos relevos da moldura, vê-se que a inscripção tinha sete linhas, apenas na primeira se lêem as letras SAC. . . ; vê-se também que os caracteres da primeira linha eram maiores que os das seis restantes.

Fernão Lopes descrevendo os tumultos de Evora na aclamação do mestre d'Aviz diz que o povo, para bater o castello, subiu — á Sé e ao açougue que são logares altos — e d'ali atiravam virotes e disparavam as béstas.

Rodrigo da Cunha (Chronicas, 1643), fallando do mesmo factio diz que os populares subiram á sé. . . «e sobre um postigo antigo que ainda está inteiro do tempo de Quinto Sertorio, onde o aqueducto da agua da prata sohia vir, e agora serve de açougues da carne, que são logares altos d'onde com as béstas podiam empecer».

Esta designação *postigo* tem valor em nossa opinião; explica a porta ogival aberta na face norte; era talvez um postigo do castello quando, antes de 1380, o edificio todo lhe estava annexo.

Em 1836, o administrador geral do districto de Evora, Antonio José d'Avila, depois duque d'Avila e Bolama, banio o açougue; em 1841, por diligencias de Rivara, isolou-se o edificio pela cedencia e demolição dos pardieiros da inquisição velha. Em 1870, por iniciativa da camara municipal procedeu-se ao isolamento do romano puro, derribando-se tudo o que era medieval, ou simples alvenaria moderna.

A Camara Municipal procedeu com muito bom senso; foram consultados os homens conhecidos no paiz pelos seus estudos de historia e archeologia: o presidente da camara, dr. Manuel Vianna foi o

promotor d'esta obra que toda a gente illustrada lhe agradece.

O templo é conhecido como de Diana; a verdade é que nada se sabe a tal respeito; a historia da lenda é simples. Resende e depois a sua escola, que, como todas as escolas, teve os defeitos do mestre em maior gráo, e em menor as perfeições, possuiu se da mania de trazer para Evora, para augmento da sua gloria (mas, como todas as bellezas verdadeiras, Evora não carece de europeis para seu maior brilho) memorias de Sertorio. Plutarcho falla da corça de Sertorio, logo a sua devoção por Diana; em Evora esteve Sertorio e ha edificios romanos, logo Sertorio fez o templo e consagrou-o a Diana. Assim pensaram, assim procede hoje muita gente boa nos seus raciocinios.

Mas o ullimo termo é posterior a Resende, pois este não suppoz ali o templo, e sim, vagamente, um portico!

Os archeologos fincaram todos no esplendido final; todos, depois de Fialho, lhe chamaram de Diana, e assim modernamente, seguindo o mesmo impulso, temos o largo, o passeio, as ruas de Diana. Mesmo a idéa inicial de que Evora foi a capital da Lusitania em tempo de Sertorio não tem fundamento; outra *sorites*, outra invenção de historiadores sem escrupulos.

Flóro que tratou da guerra sertoriana, Plutarcho que biographou Q. Sertorio, minuciosamente, não mencionam Evora nem uma só vez.

Flóro fallando das cidades que apoz a morte de Sertorio se renderam á dominação romana, menciona Oská, Termes, Valencia, Calagurris, não falla de Evora, que se então tivesse importancia, se fosse uma capital, os romanos procurariam sem duvida.

A actividade de Sertorio passou-se toda no oriente e noroeste da peninsula; os *lusitanos* são apenas mencionados como os povos que o chamaram á peninsula para lhes ser chefe; mas *lusitanos* nos escriptores greco-latinos é termo geral, que se pode considerar synonymo de povos do occidente da peninsula; mesmo como entidade administrativa a Lusitania da republica é bem diversa da do imperio. Houve aqui uma das taes *sorites* historicas, uma lenda erudita.

Podemos esboçar a lenda creada pela alliança da sciencia e da phantasia, estudar-lhe a formação. Sertorio chamado pelos Lusitanos, é o ponto firme.

Evora cidade notavel da Lusitania, porém de classe inferior a outras; mas aqui os vestigios de grandes obras romanas: dos imperadores? esses beneficiaram Pax — Julia, Emerita, Scalabis, Olisippo, povoações de maior cathegoria official. Dos proconsules dos exercitos republicanos? esses guerrearam, conquistaram, pouco trataram de melhoramentos materiaes; logo de Sertorio seguramente; e Serto-

rio fez aqui a sua capital politica, e reuniu senado, e fez o templo, a muralha, o aqueducto, e até o seu palacio; os sabedores de latinorios inventaram inscripções e assim responderam de vez aos de fé tibia nas maravilhosas descobertas. Este empenho de alliar á historia d'Evora o nome de *Sertorio*, assim como os de Viriato, Julio Cesar, etc., chegou a ponto de merecer já no seculo xvii a satyra, por vezes graciosa, e bem feita parodia chamada — Antiquidades de Evora — de Amador Patricio, pseudonymo de Cardoso de Azevedo.

Á lenda erudita fixou-se todavia; tem sido apenas falta de reparo. Para que teria Sertorio duas capitães, Osca (d'esta ha testemunhos certos) e Evora, a trinta dias de marcha, pelo menos, uma da outra? Evora, quasi no extremo occidental da peninsula, quando elle brigava, — e brigou quasi constantemente, nem elle estava na peninsula para outra coisa, pois o seu fim era derribar o partido aristocratico, — no oriente e noréste da peninsula.

Na parede do tribunal judicial (antigos paços do concelho) na praça de Giraldo, estão algumas inscripções agrupadas em todo architectonico, sobre uma base granitica que é um fragmento de architrave e friso com seus triglyphos, florões ou escudos circulares, e caveiras de touro; é possível que este fragmento pertencesse ao templo romano. Não devemos todavia esquecer que na praça existiu até ao ultimo quartel do seculo xvi um arco romano, de que poderia fazer parte este fragmento de architrave.

O templo romano pelos seus caracteres artisticos pode classificar-se no 3.º seculo, maior probabilidade porém para o 2.º seculo, quando as influencias de Trajano e de Hadriano alastraram a peninsula de obras de utilidade publica. Já dissemos que é do typo da *maison carrée* de Nimes, e do templo de Antonino e Faustina, que são do 2.º seculo.

A importancia de Eborá ou Liberalitas Julia, municipio do antigo direito latino cresceu na paz, na prosperidade material, do dominio dos imperadores, quando a peninsula se cortou de magnificas estradas, os rios se passaram de solidas pontes, e os grandes centros tiveram templos, arcos, circos, como os melhores da Italia, aqueductos, theatros e finalmente direitos e regalias eguaes. Na Lusitania, provincia administrativa limitada no tempo dos imperadores pelo Douro e pelo mar, e alargando-se muito para o interior, Eborá pela sua posição geographica não podia deixar de ter importancia, especialmente commercial. Da capital lusitana Emerita Augusta passava-se por Eborá para ir aos tres grandes portos maritimos mais proximos Salacia, Cetobriga, Olisippo; de todo o *conventus* pacense para ir ao scalabitano era ponto obrigado de transito; nos arredores não ha grandes montanhas nem caudalosos

rios; os mercadores, os officiaes do fisco, rendeiros e procuradores publicos, os magistrados nas suas repetidas inspecções e visitas — o machinismo governativo chegou em Roma a uma perfeição enorme, — as tropas nos seus movimentos tinham esta estação forçada n'um vasto territorio, situada na mais rica e facil região da Lusitania.

É mais natural pois que então se tratasse aqui da grande arte, se erguesse o esbelto templo, o arco triumphal infelizmente destruido, o cerco de valentes muralhas de grossos silhares faciados, de que nos restam ainda bellos fragmentos.

Já nos referimos á epoca provavel da ruina do templo, desejamos porém firmar ainda este ponto; o final do 4.º seculo e a 1.ª metade do 5.º viram a destruição de muitos monumentos; não foi só o tumultuar das hordas barbaras invadindo o imperio, antes e ao mesmo tempo houve a reacção violenta, o espirito de seita; o christianismo victorioso, facto perfeitamente natural, lembrou-se das terriveis perseguições que soffrera; e o christão quiz fazer desapparecer da face da terra os templos, as aras, os idolos do paganismo.

Em certas regiões isto effectuou-se não irregular mas systematicamente, e por ordem do imperador. — Honorio por exemplo, — ou de seus vigarios e presidentes; em Hespanha, ha testemunhos historicos, os christãos demoliram os templos das divindades pagãs. Ora no templo romano de Evora parecemos evidentes os indicios da demolição, que destruiu mesmo a inscripção do altar.

O templo romano tem já uma pequena litteratura moderna. Citarei as noticias principaes.

Voyage en Portugal, de J. Murphy, tomo 2.º, publicado em 1797. Descripção do templo a pag. 283. Estampa 18; gravura imperfeita, faces norte e nascente. Os entulhos escondiam a base quasi inteiramente; na ogiva da face norte uma porta pequena, rectangular; indica uma escada de 4 a 5 degraus para essa porta.

Artigo — Evora — no *Panorama*, vol. 8.º 1844, pag. 407, artigo que se refere aos fins de 1839; e feito sobre uma nota de Francisco Antonio de Lima.

Christiano Bellermann — *Erinnerungen aus Sudeuropa*, Berlin, 1858, pag. 201. Emilio Hübner. *Not. archeol.* trad. pag. 47.

Archivo Pittoresco, tomo viii, pag. 313, com uma gravura que mostra o estado do templo antes de 1870.

A. F. Simões. *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*. Evora, 1869. E tambem um extenso artigo, com 2 gravuras, publicado nas Artes e Letras, vol. de 1873, pag. 155 e 166.

A. F. Barata, *Miscellanea historico-romantica*. Barcellos 1878, pag. 185.

Observações de J. H. C. Rivara, no vol. *Nação*

de alguns filhos da India Portugueza. Nova Goa, 1874, pag. 160.

Artigos do auctor d'estas linhas na —*Renascença*— vol. de 1879, pag. 107 e seg. com duas gravuras; no jornal —*O Manuelinho d'Evora*—, etc.

A photographia mais perfeita é a de Laurent, antes de 1870, bem tirada e de sufficiente tamanho a mostrar miudezas; não comprehende porém nenhuma das faces inteira; apanha grande parte das faces norte e poente. Indica bem o estado do templo antes da demolição dos paredões que o desfiguravam; as janellas de volta redonda na face do poente, ameias de alvenaria, mas do feitio das da crasta da Sé (sec. 14); vestigios na face norte dos pardieiros da inquisição velha que se lhe encostavam.

Ha photographias de Serra, face norte, de Campos, face sul, tiradas depois do isolamento do romano puro, e que serviram para as gravuras publicadas nas *Artes e Lettras*, e na *Renascença*.

O Socio,

GABRIEL PEREIRA.

ARCHEOLOGIA PREHISTORICA.

O distincto archeologo Monsieur G. De Conny, communicou ao sr. Possidonio da Silva algumas considerações sobre os machados de bronze prehistoricos, descobertos em Portugal, e ao mesmo tempo desenvolvendo magistralmente questões com referencia ás primitivas populações, que introduziram os instrumentos de bronze na peninsula Iberica. São ellas de tão subido interesse scientifico, que julgamos prestar um util serviço aos estudos archeologicos do nosso paiz, publicando no Boletim da nossa Associação a carta que recebeu o nosso digno presidente, de tão auctorizado cavalheiro; o qual havia sido designado pelo insigne archeologo Monsieur De Caumont para o substituir na direcção da Sociedade Franceza de archeologia, porque reconhecia n'este seu collega a necessaria illustração para dirigir os importantes trabalhos d'esta afamada Sociedade: portanto, não deixará de ser acatada pelos nossos consocios a opinião expendida por este sabio.

Não desejando diminuir o vigor do raciocinio e o encanto do estylo, reproduzimos no proprio idioma do illustre francez, e na sua integra, essa erudita missiva.

Château de la Grille, 7 juin 1883.

Monsieur et très-honoré collègue. — J'ai reçu au commencement de ce mois la Notice sur les haches

de bronze trouvées en Portugal, que vous m'avez fait l'honneur de m'adresser, comme témoignage de votre bon souvenir.

Je vous en aurais remercié plus tôt si je n'en avais été empêché par un voyage de quelques jours, qui m'a tenu éloigné de chez moi.

J'ai lu votre notice avec un vif intérêt; d'abord parce qu'elle me venait de vous, et en second lieu, parce qu'elle me faisait connaître un instrument Préhistorique dont j'ignorais complètement l'existence.

La forme de cet instrument, la disposition de sa douille, son talon plein, ses deux anneaux latéraux, en font, ce me semble, un spécimen tout à part, et entièrement distinct, quant à l'usage auquel il était destiné, de l'instrument auquel on donne communément le nom de hache. Ce dernier, par son mode d'emmanchement, par le système d'attache que comporte son anneau unique, devait être employé à couper et à travailler le bois de la même façon que l'outil dont ou lui a donné le nom.

Celui que vous avez fait connaître au monde savant, et que le premier, vous avez mis en lumière, devait à mon avis, avoir un emploi différent. Emmanché sur l'une de ses faces latérales, et attaché vraisemblablement à la poignée par les deux anneaux disposés de chaque côté de la douille, il devait nécessairement opérer dans le sens du plat de la tranche, et à la façon de la doloire dont se servent les tonneliers, ou de l'*ascia* romaine, c'est-à-dire raboter et polir le bois, au lieu de le fendre ou de l'équarrir comme la hache. Votre découverte, Monsieur et ami, a, suivant moi, une importance toute particulière, en cela qu'elle révèle en Lusitanie un degré plus avancé dans l'art de travailler le bois, que celui indiqué par la forme de la hache jusqu'ici connue.

J'y verrais un progrès analogue à celui que présente dans un autre ordre, l'instrument de pierre polie, sur celui de pierre simplement taillée. Votre hache donnait au bois une surface bien moins rustique et moins rugueuse que celle que l'on obtenait au moyen de la hache employée dans la Gaule et autres pays. Au sujet de ce dernier instrument dont les diverses variétés ont été comprises sous une même dénomination, je vais vous dire ici en passant, qu'il me paraît difficile d'admettre qu'elles aient eu toutes la même destination et le même mode d'emploi. Plusieurs de ces soit disant haches ont une douille tellement profonde, qu'elle ne laisse comme vous le savez, au tranchant qu'une épaisseur excessivement minime. J'ai dans ma collection deux de ces haches encore à fleur de coin, et n'ayant jamais servi, dont la douille a 10 centimètres de profondeur, tandis que le tranchant n'a qu'un centimètre seulement. Si ces haches avaient servi et si

le tranchant avait été deux ou trois fois aiguisé, elles seraient devenues complètement hors d'emploi, par ce que l'on aurait atteint le creux de la douille. Les deux instruments de bronze dont je vous parle ont la douille carrée et un anneau latéral; un d'eux a conservé dans sa douille la partie du moule d'argile qui a servi à le couler, J'ai étudié très attentivement la nature de cette terre, dans le but d'y trouver un indice de l'âge de ces haches. De cet examen il est résulté que la terre du moule, cuite par la chaleur du bronze en fusion, n'avait aucune analogie avec celle des poteries dites préhistoriques, et qu'elle était en tout, par la couleur, par la composition de la pâte, semblable aux tuiles et briques gallo-romaines que l'on rencontre dans notre pays; ce qui prouve que le bronze a été employé en Gaule et ailleurs très probablement, bien au delà de l'époque dite celtique.

J'ai cru m'apercevoir en lisant votre notice que votre musée archéologique ne contenait pas de haches de bronze à douille carrée telles que les miennes. S'il en était ainsi, et si cela pouvait vous être agréable, je me ferais un véritable plaisir de vous en offrir une, comme témoignage de la reconnaissance que je vous dois et que je vous conserve, pour avoir bien voulu m'inscrire au nombre des membres honoraires de la société royale des Archéologues portugais, par vous fondée.

J'ai tenu, monsieur et très-honoré collègue, à vous faire connaître à quel point m'a intéressé votre notice; c'est à mon avis le meilleur moyen de vous prouver combien j'ai été reconnaissant de votre aimable envoi. La lecture attentive que j'en ai faite a eu encore pour moi un résultat très important, parce qu'elle est venue corroborer une opinion que mes études et mes recherches me rendent chaque jour plus probable, relativement à l'introduction du bronze en Gaule et en Ibérie.

Pour moi, la connaissance et l'usage de ce métal ont été apportés dans notre pays par les Ligures, peuple qui a occupé la Gaule avant l'arrivée des Celtes, et après les Ibères sur les quels ils l'avaient conquise, suivant toutes les probabilités. Les Ligures, d'après le savant géographe allemand Mannert, et d'après Guillaume de Humboldt, auraient appartenu au rameau Européen de la race indo-Européenne. L'étude de la linguistique a amené un érudit français, Mr. d'Arbois de Jubainville, à la même conclusion. Or la linguistique nous apprend également que les Indo-Européens connaissaient le bronze auquel ils donnaient le nom d'*aias*, métal qui brille, et qu'ils employaient ce métal, simultanément avec la pierre pour façonner un instrument qu'ils appelaient *saxa*, de la racine sak, qui signifie couper. Lorsque les Ligures arrivèrent dans la Gaule, vers 850 ans, avant J. C. ils durent nécessairement y

apporter leur industrie et leur civilisation, que les études linguistiques ont révélé en partie.

Telle est mon opinion sur cette question, et elle me paraît solidement fondée. Après avoir conquis la Gaule, quelques tribus Ligures pénétrèrent dans la Péninsule Ibérique, et le Périple de Scylax nous les montre mêlés aux Ibères, le long de la Méditerranée, du Rhône à Ampurias.

D'après Etienne de Byzance, une de leurs colonies se serait avancée jusqu'à la chaîne de montagnes au pied de laquelle coule la Guadiana, et où ils auraient possédé une ville qu'il appelle Ligustine. Il paraît que leur industrie métallurgique ne dépassa guère la région par eux occupée, si l'on en juge par le petit nombre d'instruments de bronze découverts en Espagne et en Portugal; ce qui dites vous, monsieur et ami, a fait supposer que la Péninsule Ibérique a passé pour ainsi dire sans transition de l'âge néolithique à l'âge du fer.

Et voici le raisonnement que me suggère votre si intéressante notice, et qui confirme ma théorie sur l'introduction du bronze dans l'Ouest de l'Europe.

Les Ligures qui connaissaient l'usage de ce métal, ont occupé la Gaule au IX^{me} siècle avant J. C. et l'on y trouve partout et sur tous les points une quantité considérable d'instruments de bronze. En Ibérie, ils n'ont habité que sur une partie de territoire très-restreinte, et le bronze ne paraît dans ce pays que pour ainsi dire à l'état d'exception: donc on semble autorisé à en conclure que ce sont les Ligures qui ont apporté ce métal en Gaule, et qu'il est très rare en Ibérie, parce que les Ligures n'en ont occupé qu'une région très peu étendue.

Les motifs, qui suivant moi, auraient mis obstacle à la diffusion de l'industrie métallurgique des Ligures dans la Péninsule Ibérique seraient ceux-ci: en premier lieu, l'hostilité qui a pu et dû exister entre les Ligures et les peuples dont ils avaient envahi le territoire, et en second lieu, parce que les Phéniciens qui, au dire de Strabon, avaient au XI^{me} siècle avant notre ère, établi leurs colonies dans la majeure partie de l'Ibérie, avaient dû y introduire simultanément l'usage du fer et l'usage du bronze, longtemps avant l'arrivée des Ligures, et prendre en quelque sorte le monopole de ces deux industries. Il pourrait se faire toutefois que le fer n'eût été apporté en Ibérie que postérieurement au bronze, les données historiques me faisant défaut à ce sujet; mais une fois ce métal introduit dans l'usage, il dut être de beaucoup préféré au bronze, en raison de ses propriétés intrinsèques, et par conséquent en rendre l'emploi bien moins fréquent. Quant à ce dernier métal, il ne saurait y avoir de doute, ce me semble, sur le mode et sur la date de son introduction en Ibérie. Au temps d'Homère le bronze était fourni aux Grecs par les Phéniciens;

« par Sidon la riche en bronze » lit-on dans l'Odyssee. Ils tiraient alors des cassitérides l'étain nécessaire à sa fabrication. Établis en Ibérie, ils y constituèrent leur industrie, comme nous l'apprend Pausanias, mentionnant le bronze de Tartesse.

Le pays, du reste, leur fournissait l'étain et le cuivre nécessaires à la fabrication de ce métal. Ils trouvaient le cuivre à Rio-Tinto, en Andalousie, et à San Domingo en Portugal, pour ne nommer que les principaux gisements ; l'étain, dans les mines du mont Argentarius, au dire d'Aviénus, et dans celles de Zamora et d'Almeira. Si, comme il résulte de ce que je viens de dire, l'Ibérie a reçu des Phéniciens, deux siècles environ avant la Gaule, la connaissance et l'usage du bronze ; il est à croire que vos haches à douille latérale et à deux anneaux, d'un type si différent de celles que j'appellerai Indo-Européennes, ont dû être introduites en même temps par eux dans votre pays.

Au temps de la xx^{ème} dynastie Égyptienne, les Phéniciens pénétrèrent dans le Pont Euxin, sur la rive duquel ils établirent plusieurs postes fortifiés, depuis le Bosphore de Thrace jusqu'à la Colchide. Poussant plus loin leurs explorations, ces hardis navigateurs abordèrent à l'embouchure du Borysthène, et s'aventurèrent même, dit Mr. Maspéro, dans les grandes plaines de la Russie méridionale. « De ces mers lointaines, ajoute cet auteur, ils rapportèrent... l'or et l'argent, le plomb, l'étain nécessaire à la fabrication du bronze, et qu'ils recevaient auparavant par voie de terre, à travers l'Arménie et la Syrie. » On comprend d'après cela, comment on a pu rencontrer en Russie une hache du type Lusitanien, importée très vraisemblablement par les Phéniciens.

En longeant les rives du Pont-Euxin, les navires de Tyr et de Sidon entrèrent en rapports commerciaux avec les Saspies et les Chalybes « livrés de tout temps, d'après l'auteur cité plus haut, à la métallurgie et fournissant de fer et d'étain l'Asie antérieure. » Si, par cas peu probable, le fer avait été jusque là inconnu aux Phéniciens, l'usage de ce métal dut alors leur être révélé, et on ne saurait douter qu'ils l'aient importé dans leurs colonies d'Ibérie. On en rencontre des spécimens plus nombreux en Lusitanie, par cette raison sans doute, que cette industrie y aura persévéré plus longtemps : peut-être à cause de la richesse et de l'abondance de ses mines et des facilités plus grandes d'extraction. Le type de ces haches a-t-il été importé par les Phéniciens ; a-t-il été créé ou modifié en Lusitanie ? cette intéressante question ne saurait être résolue que par l'examen des instruments analogues rencontrés dans les pays tributaires autrefois, comme le vôtre, de l'industrie des Phéniciens.

J'ai dit plus haut que le fer, suivant toute vrai-

semblance, avait dû être importé en Ibérie par les Phéniciens. Si, contrairement à mon opinion, il n'en fut pas ainsi, ce métal dut être très certainement introduit en Lusitanie par les Celtes, lorsque ceux-ci vinrent s'y établir dans le courant du v^{ème} siècle avant notre ère. Les Celtes en effet connaissaient le fer, dont l'usage leur avait été enseigné par les Scythes, lorsqu'ils étaient limitrophes de ce peuple dans la région du haut Danube, et qui leur était vendu par les marchands Scythes, les Sigynnes, comme les appelle Hérodote. Les Scythes appelaient le fer ayasa. Les Celtes adoptèrent le nom, en même temps que le métal ; mais pour ne pas le confondre avec celui du bronze, *aias*, ils l'allongèrent au moyen d'un suffixe. De là vint le mot Celtique *ayasarnos*, ou par contraction *aisarnos*, *isarnos*, *esarnos*, conservé par les Germains.

Les Celtes ont donc importé le fer en Gaule bien certainement, et peut-être en Lusitanie. Ils ont également, si je ne me trompe, introduit l'usage de l'inhumation sous dolmen, dans ces deux pays, usage qu'ils auraient apporté de l'Inde, où, paraît-il, il existe encore. C'est, vous le savez, l'opinion de Sir John Lubbock. Aujourd'hui on ne veut plus de cela, dans une certaine catégorie d'archéologues qui prétendraient reléguer cette coutume, dans un vague et obscur lointain. Je suis loin de partager cette manière de voir, et il me semble que vous êtes de mon avis.

Dans la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire l'an dernier, et où vous me parliez des dolmen que vous aviez fouillés sur les bords de la Gadianna, vous ajoutiez que vous n'aviez trouvé aucun monument mégalithique du même genre sur la rive gauche de ce fleuve. Vous en tiriez cette conséquence très juste, que les Celtes étaient venus dans votre pays par la rive droite, et ne s'étaient pas établis sur la rive opposée. Cette constatation de votre part, et venant d'un savant aussi autorisé que vous l'êtes, est d'un grand poids dans la question dont j'ai l'honneur de vous entretenir. S'il n'y a pas de dolmen dans la région qui n'a pas été occupée par les Celtes, et s'il s'en trouve dans celle qu'ils ont habitée ; il en résulte évidemment que c'est à ce peuple que sont dus ceux qui se rencontrent dans la Lusitanie et conséquemment dans la Gaule. Serait-ce indiscret à moi, monsieur et très-honoré collègue, de vous demander s'il vous serait possible de m'envoyer la brochure que vous avez publiée sur les monuments mégalithiques de Portugal ? Je vous en serais très reconnaissant, car mon opinion personnelle appuyée sur la vôtre, reposerait sur une base bien plus solide.

Je voudrais me servir de cet argument, pour démontrer dans une histoire locale que je prépare, que les Ligures, après l'invasion des Celtes, n'ont pas

cessé d'occuper une certaine région, située sur la rive droite de la Vienne, par la raison qu'on n'y rencontre aucun dolmen, tandis qu'il en existe plusieurs sur la rive gauche, où se seraient établis les Celtes. La différence qui existe entre les types physiques des habitants des deux régions, me conduit aux mêmes conclusions, et semble confirmer ma manière de voir.

Voici une bien longue et trop longue lettre, monsieur et ami. Pardonnez moi d'avoir ainsi laissé courir ma plume, sans lui imposer un frein opportun. Veuillez y reconnaître l'effet de l'intérêt très-grand, que m'a inspiré votre notice, et en même temps le résultat de mes sentiments sympathiques pour votre pays. En m'inscrivant au nombre des membres d'honneur de la société que vous avez fondée, ne m'avez vous pas conféré une sorte de naturalisation portugaise, et ne m'avez vous pas fait un peu votre compatriote?

Je l'ai compris ainsi; et voilà pourquoi, à mes études sur le passé de l'ancienne Gaule, j'ai joint l'étude du passé de la Lusitanie.

Votre notice a réveillé en moi tous ces souvenirs, et je les ai laissés parler, sans songer qu'ils m'entraîneraient beaucoup trop loin, en me rapprochant de vous par la pensée.

Veuillez agréer, monsieur et très-honoré collègue, l'assurance des sentiments les plus distingués de votre très dévoué

G. de Congny.

P. S. — Je compte communiquer votre importante découverte à la société Académique de Châlons-sur-Marne, qui l'accueillera, j'en suis certain, avec le plus grand intérêt.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 47

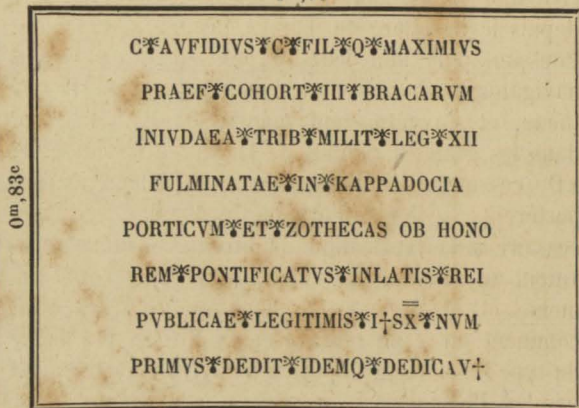
Publicando-se n'este numero do *Boletim* a estampa com a inscripção romana descoberta em Argel no anno de 1870, é com o intuito de se generalisar a importancia archeologica que affirma com uma prova irrefutavel o que já a antiga historia romana tinha feito conhecer; porém, até á data d'este descobrimento, não se havia achado esculpido em nenhum padrão dos fastos guerreiros do povo-rei; e tanto mais é de subido interesse para Portugal, pois que n'ella está commemorada a parte activa com que os bracarênses haviam concorrido para as assignaladas victorias dos antigos dominadores do mundo.

Constando-me esse inesperado e valioso descobrimento, dirigi-me ao governo francez e sollicitei o seu illustrado incitamento para o progresso dos estudos archeologicos. Aquelle governo aucto-

risou uma copia fiel da referida inscripção, de Caius Aufidius, o que nos foi bizarramente feito, ordenando-se ao prefeito de Constantina de me enviar a estampagem, sendo encarregado de a tirar Mr. Férand, cavalheiro da Legião de Honra e secretario da Sociedade Archeologica de Argelia. Informou-me este archeologo, que esta inscripção de *Aufidius* era a mais perfeita e mais bem gravada, e ao mesmo tempo de melhor conservação de todas as descobertas em Constantina, occupando um logar de honra no Square situado na esplanada do *Forte Valée*. Ficou a lapide bastante patente, para que os antiquarios e os toristas a possam admirar. Eu incluo (diz-me Mr. chevalier Férand) o volume no qual se publicou na pag. 358 a descripção d'esta inscripção.

É pois do 1.º vol. da 2.ª serie da collecção das noticias e memorias da Sociedade de Archeologia da provincia de Constantina, que nós reproduzimos esta descripção inserta na referida pag.

1 m, 73 c



Caius Aufidius, Cui filius, Quirina (tribu), Maximu, praefectus cohortis quartae Bracarum, in Judaea tribunus militum legionis duodecimae fulminatae, in Cappadocia porticum Azothecas ob honorem pontificatus, inlatis reipublicae legitimis sestertium decem millibus nummis, primus dedit, idemque dedicavit.

N. B. Esta inscripção tambem tem o merito de mostrar como se deve lér a abreviatura *fulminat*, que se encontra em outras inscripções, junta á designação da legião 12.ª, a qual abreviatura se tem lido geralmente *fulminatix*.

O signo cruciforme que termina a inscripção é um monogramma equivalente ao grupo II que o gravador não poude inserir na ultima linha, por lhe faltar espaço para as duas letras finaes.

Esta magnifica inscripção está gravada dentro de um quadro formado de um triple renque de molduras na profundidade de alguns millimetros, sobre

CAVFIDIVS·C·FIL·Q̄·MAXIMVS
 PRAEF·COHORT·III·BRACARVM
 INIVDAEA·TRIB·MILIT·LEG·XII·
 FVLMINATA·E·IN·KAPPA·DOOCIA
 PORTICVM·ET·ZOTHEC·ASOBHONC
 REM·PONTIFICATVS·IN·LATIS·REI
 PVBLICAE·LEGITIMIS·HS·X·NUM
 PRIMVS·DEDIT·IDEM·Q̄·DEDICAVT

Estampa 47.

Inscripção Romana achada em Argel, a qual se refere aos bracarenses.

E. Barrault, Cº da Gloria, 21, Lisboa.

uma lapide de bastante grossura, da qualidade de calcareo rijo, a qual mede 1 metro e 73 centímetros \times 0,83 de largo. Os caracteres têm 0,075 de altura, sendo da melhor época, e não soffreram alteração alguma as suas formas, não obstante os seculos decorridos. Esta lapide estava soterrada no antigo cemiterio europeu de *El-kantara*, e foi transportada para o museu lapidario do hypogeo de Procilias. É o mais bello monumento epigraphico que se tem descoberto n'esta região. A copia está exposta no museu archeologico do Carmo em Lisboa.

Ha toda a probabilidade de que a 4.^a cohorte dos *Bracares* fizesse parte da XII legião romana,

á qual Titus tinha dado por quartel, no anno 70, a celebre cidade de Mytilene, edificada por Trajano sobre as margens do *Euphrate*, e que depois veiu a ser a metropole da pequena Armenia. No ultimo quartel do III seculo, esta legião, que tomara parte no drama animadissimo do cerco de Jerusalem, occupava a provincia de Mélitina, a qual desde muito tempo era annexa a Cappadoce, cuja Legião se intitulava *Fluminante*, depois da chuva milagrosa que salvou o exercito de Marco Aurelio, pres-tes a morrer á sêde nos desertos da Germania em 174.

J. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DA IDADE MEDIA

(Continuado de n.º 2, IV vol. pag. 20)

Hoje nos occuparemos das causas que concorrem, independente dos esforços do tempo, para a mutilação ou para a ruina dos monumentos da idade media; sendo as principaes as seguintes:

O desdem pelas obras antigas e o desejo de innovações;

A falta de criterio para se poder com facilidade fazer uma apreciação artistica e erudita do merecimento d'esses monumentos, e de sua importancia historica;

Não ser vulgar a sciencia de archeologia, pela qual se reconheceria o subido merito da arte ogival;

A difficuldade nascida d'essa ignorancia para se determinar a era dos monumentos da idade media, o seu symbolismo, e a sciencia como foram construidos.

Passaremos, pois, a demonstrar o fundamento d'esse desprezo, e indicar em seguida como se conseguiu com o estudo e applicação adquirir-se os precisos conhecimentos para se apreciar devidamente esta architectura.

A fim de se determinar a idade de um monumento antigo, bastará que os archeologos examinem detidamente o monumento em si.

Se se descobrisse agora no solo da Grecia ou de Italia os vestigios de um edificio, do qual Pausanias nem Phinis não tivessem nunca feito menção, em um sitio de que nenhuma tradição haja conservado a lembrança; porém que a simples inspecção d'esses fragmentos, conforme as molduras e os perfis, affectasse tal ou tal feito, conforme a pedra e o marmore estivessem aparelhados e sua construcção de tal ou tal maneira executada, por esses indicios de-

monstrar-se-hia, quasi com toda a certeza, que o edificio seria do seculo de Pericles, ou de Alexandre, se pertenceu ao tempo da republica ou á epoca dos imperadores romanos.

¿ Não se poderia fazer o mesmo para com os monumentos da idade-media? Não terão assignalados na sua frontaria e apparelho a data da sua origem?

Não vae longe a opinião em contrario: pois havia negado, que nenhuma regra, nenhum methodo tinha presidido á construcção dos monumentos da idade media; desde a queda do imperio romano até ao renascimento, unicamente o acaso havia dirigido a arte de edificar, umas vezes em um sentido, algumas já em outro; e por conseguinte, no mesmo logar, no mesmo anno, teriam visto muitas vezes levantarem-se monumentos inteiramente differentes, em quanto que monumentos identicos podiam ter sido construidos a muitos seculos de intervallo nas duas extremidades da Europa! Portanto não se devia attribuir especialmente a nenhuma época lhe tivesse dado character determinado, e seria absurdo procurar classificar em ordem chronologica os monumentos d'esses tempos!

Esta opinião não era sómente conservada por uma tradição erronea, ou por um dito vulgar; era affirmada pelos professores da arte! O critico eminente, que no estudo da architectura antiga completou a obra de Winckelman, e desenvolveu os principios theoreticos e praticos da architectura dos antigos povos com uma profunda e sabia apreciação, Quatremère de Quincy, o auctor do *Diccionario de architectura civil* que fazia parte da colossal obra *Encyclopedia*, não deixava uma unica occasião de proclamar nas suas publicações, que a architectura da idade media não era uma architectura, nem mesmo uma arte, mas sómente uma compilação, um composto

de elementos disparatados e heterogeneos, reunidos por uma phantasia ignorante e perturbada!

Quem ousaria então levantar a sua voz contra este anathema?! Quem se atreveria a estudar esta supposta architectura? A vista de taes monumentos não passava sómente por inutil, acreditava-se mesmo ser pernicioso para o estudo. Em consequência d'isto, era de suppôr se passariam ainda muitos annos em que os architectos continuariam a julgar os monumentos da idade media, sem os conhecer e estudar, e na impossibilidade de os classificar por não os comprehender, ficasse sendo proverbial a sua designação, se felizmente a nova sciencia da archeologia não viesse pelas suas perseverantes investigações destruir esse erroneo conceito, e provar com principios fundamentaes como a architectura da idade media não só tinha jus a esse titulo, mas possuia egualmente como a architectura antiga regras e principios para lhe dar o merecido titulo d'arte, pois lhe reconheciam um typo inventado com muito talento e sabedoria: é isto que me proponho demonstrar até onde os meus recursos intellectuaes o permittirem, e guiado por obras de subida auctoridade.

Os archeologos reconheceram desde logo, nos numerosos elementos dos quaes esta architectura se compõe, que essa supposta confusão e irregularidade são sobretudo apparentes, e ainda mesmo que seja examinada com pouca attenção, é impossivel não se lhe notar invariaveis analogias e positivas differenças, repetindo-se de uma maneira constante e regular.

A' força de reunir as analogias, e de separar as dissimilhanças, estes novos apóstolos da sciencia conseguiram estabelecer as divisões geraes, susceptiveis de ser ulteriormente subdivididas para virem a ser as bases d'uma classificação methodica.

A mais importante, a mais complexa d'estas divisões, resultava naturalmente de uma differença fundamental na forma de um dos membros principaes d'essa architectura. Como seria possivel não se notar, entre todos estes edificios, aos quaes se applica indistinctamente a denominação de monumentos da idade media, em que todas as arcadas, todas as aberturas finalisam em ponto agudo, em ogiva; emquanto que n'outros a volta inteira reina exclusivamente; e entre alguns d'elles, finalmente, se nota simultaneamente a volta inteira e a ogiva! Uns e outros poderiam ser contemporaneos, ou talvez se deva com fundamento attribuil-os a épocas distinctas? . . . Para resolver estas questões, foi preciso recorrer ao testemunho dos monumentos escriptos, e quando, depois de experiencias mil vezes repetidas, depois de numerosas verificações, ellas fizeram reconhecer sempre, que os monumentos aonde havia arcos de volta inteira, não appareciam além

d'uma certa epoca, pelo contrario os monumentos da ogiva principiaram a apparecer sómente a começar d'uma outra época, e os monumentos de formas mixtas pertenciam aos annos intermedios, foi licito logo sem duvida alguma estabelecer este primeiro resultado, como uma prova evidente de que haveria n'isto uma verdadeira sciencia: portanto os monumentos de cada especie se poderiam dispôr em grupos quasi pela sua ordem chronologica, e egualmente (o que não era menos necessario), emprehenderam os archeologos fixar as suas relações geographicas, isto é as differenças que os distinguem, não só de seculo a seculo nas mesmas localidades, mas de paiz a paiz no mesmo momento da sua construcção.

Sem duvida, para se conhecer a historia de uma arte, não é sufficiente determinar os diversos periodos que atravessou em um só paiz, é preciso seguir a sua marcha em toda a parte aonde se reproduziu, indicar as variedades de fórmas que successivamente tiver tido, e formular o quadro comparativo de todas estas variedades, pondo em separado, não sómente o que houver em cada nação, mas em cada provincia do mesmo paiz.

Foi para se alcançar este util resultado que se fizeram as investigações dirigidas com este espirito em relação aos monumentos da idade media. Já desde o principio d'este seculo, alguns sabios de Inglaterra e da Allemanha tinham feito investigações especiaes nos edificios do seu paiz, e logo que foram conhecidas em França e na Belgica, excitaram uma viva emulação para se imitar esses louvaveis esforços.

Não obstante os obstaculos inherentes a qualquer tentativa nova, dedicados archeologos continuaram a sua obra com aturada paciencia e reflectida meditação. Verdades fundamentaes foram adquiridas; a sciencia existe, agora basta só concorrer para a consolidar derramando-se as suas luzes, libertando-a de algumas noções ainda um pouco obscuras, e completando outras demonstrações, que precisam maior desenvolvimento.

Procuraremos indicar com toda a clareza, quaes foram estes resultados.

O periodo dos monumentos construidos com arcos de volta inteira, não está definitivamente bem determinado em todas as suas phases. Posto que a sua duração fosse mais prolongada, mas sob uma apparente uniformidade, encerra todavia variedades mui numerosas. Pode-se pois indicar muito bem, até mesmo com evidencia, as divisões principaes de que se compõem; porém os caracteres permanentes de cada uma d'estas divisões não se determinaram ainda com uma certeza sufficiente. Para quem viu muitos monumentos d'este genero, sem duvida apresentam elles notaveis differenças entre as construcções do VI e VII seculo, e os monumentos que fo-

ram construídos nos últimos 50 annos do ix seculo e em todo o x; mas os signaes d'estas differenças não são exactamente sempre os mesmos. E' de esperar que estudos mais assíduos, e pacientes comparações venham a dissipar esta obscuridade.

Um clarão mais visível apparece desde logo no começo do xi seculo. Aqui não é a raridade dos exemplos que faltam, é mais depressa o seu grande numero que vem augmentar as difficuldades. Este grande renascimento do xi ao xii seculo manifesta-se por dois estylos fortemente caracterizados; o primeiro, vigoroso e massiço; o segundo enriquecido, elegante e aspirando quasi a leveza. Mas quantas graduações se contêm entre estes dois pontos extremos! Que variedades nos planos, nos modos das construcções, na maneira de ornar, principalmente! Uma tão grande diversidade, dá ao estudo d'esta architectura bastante interesse e attractivo.

Posto que a architectura dos arcos de volta inteira seja completamente distincta, tanto da architectura romana e de todos os seus derivados, não é contudo inteiramente um prototypo original. Quasi todos os principios que a constituem são emprestados; alguns vieram directamente do Oriente, os outros foram como arrancados dos monumentos romanos. Não é um todo homogeneo, vivaz da sua propria vida, consequente consigo mesmo em todas as suas partes, desde a raiz do edificio até ao seu cume; é um composto, e uma compilação, principalmente durante os seculos da sua completa decadencia. Ora, como é impossivel fazer-se a analyse methodica d'uma compilação, não será para admirar, não haja ainda uma classificação rigorosa e completa dos monumentos de volta inteira, e seja isto quasi um problema insolúvel, não obstante ter-se designado já as regras geraes de que elles ficam dependentes; haverá todavia casos de se modificar estas regras em certo numero de excepções.

A mesma observação se applica aos monumentos mixtos, isto é, áquelles que participam ao mesmo tempo da architectura a ogiva e a dos arcos em volta inteira. Seja para figurar estas duas formas de arcadas simultaneamente, sejam compostos exclusivamente de ogivas, conservam entretanto todos os outros caracteres das construcções pertencentes ás de volta inteira.

A fallar a verdade, todas as incertezas sobre esta epoca de transição se reduzem a um unico ponto litigioso; qual foi a origem da ogiva: questão complexa, questão insolúvel, quando se trata isoladamente d'ella, quando se pretende ver um enigma do qual uma só palavra póde dar a positiva solução.

Qual será a origem da ogiva? Quer a sua apparição seja mais ou menos antiga, quer seja invenção sacerdotal ou secular, ou fosse o resultado de uma producção espontanea e necessaria, até mesmo

de combinações accidentaes ou caprichosas; ha contudo um facto verdadeiro, incontestavel, e vem a ser, que desde o principio do xiii seculo (com pequena differença d'annos, conforme o paiz), observa-se em todas as construcções religiosas, civis e militares, sem excepção, que foram executadas segundo um systema uniforme e regular; systema do qual os principios, alguns inteiramente novos, outros combinados n'uma ordem toda differente, podem determinar exactamente o fim, as condições e qual foi a sua duração.

Depois que a ogiva ficou definitivamente substituida ao arco de volta inteira, um espectáculo todo differente se apresenta: observa-se essa regularidade, esse encadeamento n'essas construcções, como sendo uma consequencia, uma serie de relações, ao mesmo tempo fixas no seu principio, e variaveis na sua applicação, para constituir um systema, e não obstante todas as obras escriptas contra esta architectura, não obstante as doutas sentenças dos seus auctores, é preciso não negar o que tão visível nos apparece á nossa razão.

Em logar dos impugnadores terem examinado cuidadosamente esses monumentos, preparam se a proclamar, sob forma de axioma — que nunca existiu, e que não póde existir senão uma unica architectura propriamente chamada, a *architectura classica*; visto que só esta é conforme ás grandes leis da intelligencia, só possui um systema de proporções regulares e combinações constantes, é ella unicamente, em uma palavra, que se basêa sobre um principio de *ordem architectonica*. Emquanto que o *genero de construir* (serviam-se d'esta denominação banal para designar a architectura gothica), nascido de tantos elementos heterogeneos, e em um tempo d'uma tal confusão, d'uma tal ignorancia, com a extrema diversidade de formas que o constitue, fôra inspirado sómente pelo capricho; pois não exprime na realidade á comprehensão senão unicamente uma idéa da mais completa confusão! . . .

Verifiquemos, pois, com toda a circumspecção, se ha exactidão n'este asserto; entremos n'uma d'essas construcções gothicas: não escolheremos, nem as mais bellas, nem as maiores cathedraes; não será nem a sé de Colonia, nem tão pouco a de Reims ou a de Milão; apenas uma igreja de segunda ordem nos bastará para verificar a questão; contanto que fosse construida quer no xiii, quer mesmo no xiv seculo, e o caracter da construcção primitiva não esteja demasiadamente alterado pelas mutilações, ou pelas restaurações.

Penetremos, pois, na nave da igreja da Batalha, por exemplo; quaes são nossas impressões contemplando-a? Será a idéa de *confusão* que saltará á sua vista ou não seremos nós pelo contrario surprehendidos pela regularidade da coordenação, e seja qual

fôr a variedade dos detalhes, não sentimos haver uma evidente prova de unidade no pavimento, o qual se descobre abertamente em todo o monumento?

Essa profunda perspectiva, a disposição d'esses pilares, a maneira como elles se multiplicam e se ramificam ao sair do tronco commum, o seu abrimto para formar e suster o remate do edificio, tudo isto será um brinquedo do acaso, um effeito accidental e imprevisto? Proclamae sem discernimento, que foi por um capricho irreflectido estarem estas abobodas collocadas tão altas, e a elevação do monumento ser muito grande em relação á sua largura, ninguém vos acreditará; pois não se pôde suppôr que fossem executados sem motivo, sem calculo e sem premeditação estes arrojados trabalhos.

Conforme a opinião do auctor já citado, os architectos da idade media, tanto os do XIII como os do seculo IX, mesmo quando executavam esses difficeis trabalhos não sabiam o que faziam, andavam ás apalpadellas, porque não tinham regras, nem seguiam nenhum methodo! Em uma palavra, para reduzir a termos determinados a opinião dos detractores da architectura ogival, considera como radicalmente impossivel descobrir-se n'esta architectura um principio fundamental, seja d'um systema de proporção, seja d'um systema de construcção, ou um systema de ornamentação, tres cousas essenciaes, sem as quaes não pôde existir nenhuma architectura.

Todavia, a architectura de XIII e mesmo a do XIV seculos, possui esses tres systemas tão necessarios, os quaes lhe são especiaes, constituindo-lhe a sua originalidade, a ponto de a tornar sumamente distincta não sómente da architectura dos povos da antiguidade, mas de todos os outros modos de edificar empregados successivamente em outras épocas da idade media.

É comtudo uma verdade, que sem haver um systema de proporções não pôde existir architectura, pois lhe é preciso um certo rhythmmo, uma certa medida, uma medida de *ordem* para determinar as relações do todo com as partes que a compõem. Se estas relações forem harmoniosas, o entendimento ficará satisfeito e a arte terá preenchido a sua missão. Porquanto haverá sempre medida de *ordem* em uma architectura, desde o momento em que produza o effeito que tiver por fim apresentar. Pouco importa se os meios que empregar forem mais ou menos conformes áquelles dos quaes já se tivesse servido para obter outros effeitos diversos. Será pois n'esta propria architectura que se deverá julgar isso, fazendo comtudo abstracção dos modelos anteriormente estabelecidos pelas outras architecturas.

O systema seguido na antiguidade assenta sobre determinadas relações de medida entre a columna e o entablamento, isto é, entre o ponto de apoio e a cousa sustida. Ora, não existindo entablamento na architectura do XIII seculo, deve-se por ventura suppor lhe fosse vedado adoptar systema algum de proporção, e as suas producções seriam forçosamente arbitrarías e viciosas?! Procuraremos primeiramente comprehender as regras admittidas na architectura da idade media. Veremos depois, se esses architectos devem ser reputados barbaros, se era verdade desconhecem o segredo do rhythmmo e harmonia da sua arte, e se porventura não a souberam fielmente representar nas suas construcções monumentaes.

O systema de proporção da architectura ogival pode-se resumir n'estas palavras: *disfarçar as linhas horizontaes*, e indicar o *mais visivelmente* as *linhas perpendiculares*.

Não se deve acreditar, como em geral se julga, que uma vez dado o diametro da columna antiga, se conhece *exactamente* a sua altura; e esta altura faça determinar *invariavelmente* a dimensão de todas as outras partes de que se compozer um edificio. Se isso fosse uma verdade, os edificios pertencendo a uma *mesma ordem* seriam todos absolutamente semelhantes, só a sua escala poderia variar, haveria grandes e pequenos templos doricos, grandes e pequenos templos corinthios; porém os pequenos seriam, linha por linha, a miniatura dos grandes. Ficando as proporções guardadas entre si, seriam portanto identicos, e como senão existissem mais do que as *tres ordens*, igualmente haveria só tres typos de cada especie de edificios, typos dos quaes um sem numero de reproducções seriam outras tantas provas saidas do mesmo molde!

Mas para destruir este absurdo, basta consultarmos os mesmos monumentos antigos, se porventura acharmos n'elles essa pretendida identidade. Primeiramente verificaremos, se depois de atravessarem os seculos, e principalmente passando da Grecia para Italia, *essas ordens architectonicas*, que se supõem immutaveis, não experimentaram numerosas alterações, ou mais depressa devemos confessar que lhes fizeram uma verdadeira transformação. Mas não façamos caso d'essa differença de variedade; comparemos unicamente os monumentos nas mesmas condições, isto é, construidos conforme uma mesma *ordem*, no mesmo paiz e sendo da mesma época. O nosso excessivo escrupulo irá escolher a mais perfeita, a mais nobre de todas as *ordens*, será pois o dorico grego; mediremos portanto o Parthenon e os Propyleos. N'estes dois soberbos monumentos, que se acham em contacto, foi por ventura imitada á risca essa mesma ordem, conforme estão edificados um e outro?

As suas columnas são da mesma altura *relativamente* ao seu *diametro*?

Não se encontra semelhante cousa; pois entre ellas notam-se diferenças quasi de meio diametro. Se sairmos de Athenas, para comparar esse mesmo Parthenon a uma outra obra prima de Ictinus, o templo de Basse proximo de Phygalia, por exemplo, nos apresentará tambem medidas differentes, e anomalias muito mais notaveis! Por conseguinte em toda a parte a vontade livre do artista apparece patente nas suas obras e as regras nem por isso deixam de subsistir, porém não são despoticas nem importunas. O architecto contentava-se de caracterisar o estylo do monumento por grandes feições geraes, dando-lhe um aspecto de perfeita unidade, deixando todavia o campo livre á variedade guiada pela reflexão, bom gosto e talento.

Da mesma fórma aconteceu á architectura ogival. Examinemos todas as egrejas edificadas no XIII seculo, e fixemos a melhor epoca d'estas edificações, será desde 1220 a 1280; havendo comtudo o cuidado de não confundir n'este exame as partes d'estas egrejas pertencendo a tempos mais remotos, a restaurações posteriores, que lhes tivessem modificado o seu estylo. Tem sido por não se attender a estas precauções, e haver-se julgado com precipitação, que se suppoz descobrir n'esta architectura unicamente um inextricavel chaos! Se aquelles que a julgaram por este modo, tivessem tido o cuidado de comparar sómente as producções de uma mesma epoca, de um mesmo paiz, e de um mesmo estylo, é impossivel não reconhecessem terem todos estes monumentos o mesmo aspecto em geral, sendo todas as suas partes essenciaes concebidas no mesmo espirito e para se adoptarem as mesmas formas. Todos finalmente apresentam essa similhança de familias que distingue os edificios antigos pertencentes a uma mesma epoca. As proporções nas obras d'arte, como nas da natureza, são leis geraes; as dimensões são particularidades accidentaes.

A natureza nunca submete as suas creações a medidas invariaveis. Por ventura dá ella a mesma corpulencia aos animaes da mesma especie? Dará mesmo aos membros de que se compõem uma grandeza sempre relativamente igual? Nunca isso tal fez, pois não existem dois seres da mesma familia que se assemelhem exactamente; e todavia todos os individuos d'esta familia são semelhantes por certas relações geraes, relações constantes, immutaveis, necessarias; sendo estas relações que constituem as respectivas proporções.

Deixai exclamar sem razão, quem reparar na planta da cathedral de Braga, que não seja absolutamente a mesma da Sé do Porto: se a nave de uma d'ellas é menos comprida que a outra, relativamente ao comprimento da sua capella-mór; se os pilares

d'estes dois templos não são exactamente da mesma grossura em comparação da sua altura. Isto vem a ser meras diversidades de dimensões, diversidades inevitaveis. Os monumentos classicos, como ha pouco demonstrámos, não estão isentos d'esses contrastes.

Com tanto que exista uma certa medida nas relações, no todo do edificio, ficando as partes da qual se compõem sempre as mesmas, pouco importam as variações d'essas partes entre si. Pois o que constitue um systema de proporções, não é a falla d'essas apparentes anomalias, mas sim a existencia de invariaveis principios geraes superiores a todas as aberrações individuaes, resultando estar a architectura do XIII seculo assente, como estamos convencido, sobre um systema de proporções que lhe é proprio, as quaes encontramos em todas as suas obras, sejam quaes forem as particularidades que as distinguem, havendo invariaveis similhanças fundamentaes e necessarias, que são indicios infalliveis de um principio commum do qual ella dimana.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.

Apontamentos ácerca do modo de promover os concursos de obras architectonicas, approvados pelo Real Instituto dos Architectos Britannicos.

TRADUÇÃO

1.º Os promotores de qualquer projectado concurso devem principiar pela nomeação de um ou mais accessores escolhidos entre os architectos de reconhecida competencia, cujos nomes se publicarão nos annuncios primitivos e instrucções, e da decisão d'estes depende a escolha dos projectos nos diversos periodos do concurso.

2.º O dever dos accessores consiste:

- (a) em redigir as particularidades e condições a seguir nas instrucções aos concorrentes, aconselhar a tal respeito o que possa ser necessario, e rever ou ampliar o que já estiver feito;
- (b) em determinar qual dos projectos preenche as instrucções;
- (c) em excluir todos os outros, e
- (d) em aconselhar os promotores ácerca do merito relativo dos projectos admittidos a concurso.

3.º Os membros da corporação que promover o concurso, e os accessores que se ingerirem n'elle, deverão abster-se absolutamente de tomar parte no concurso, ou de funcionar como architectos na execução da obra.

4.º O numero e escalla dos desenhos exigidos deve ser distinctamente determinado, e não devem

ser mais em numero, nem em maior escalla do que a necessaria para claramente explicar o projecto. Exigindo-se vistas em perspectiva, deverão estas ser uniformes em grandeza, numero, modo de colorir, etc.

5.º Os concursos iniciar-se-hão por tres maneiras diferentes;

(A) convidando ou pedindo aos concorrentes projectos preliminares a cada um e que sirvam de preparo para o concurso final; ou

(B) convidando-os sem projecto preliminar; ou

(C) por convite pessoal; isto é:

Na hypothese (A). Por annuncio convidando os architectos que desejem concorrer. . . . (*aqui descreva-se a obra projectada*) a mandarem seus nomes em dia prefixo, e, depois de recebidos estes, cada concorrente será fornecido com as instrucções preparadas sob a direcção do accessor ou accessores profissionaes. Em vista de taes instrucções, cada concorrente mandará n'uma data determinada um esboço (*aqui descreva-se o limite e caracter de taes esboços*). Os promotores, com o conselho do accessor ou accessores profissionaes, escolherão de taes esboços não menos de. . . . (*aqui especifique-se o numero*) e seus auctores serão convidados a tomar parte no concurso final, em que receberá cada um lbs. . . . (*aqui mencione-se a quantia*) para o preparo do seu projecto. Por estes projectos se fará a escolha do architecto que deverá executar a obra.

Na hypothese (B). sem desenhos. Por annuncios, convidando os architectos desejosos de concorrer para. . . . (*aqui descreva-se a obra que se pretende*) a mandar seus nomes n'um dia aprazado, com qualquer outra informação que o candidato possa julgar semelhantemente adiantar seu direito a ser admitido no concurso. D'estes nomes os promotores, com o conselho do accessor ou accessores profissionaes escolherão. . . . (*aqui declare se o numero*) a competir, e cada concorrente assim escolhido receberá lbs. . . . (*diga-se a somma*) para preparar o seu projecto. Por estes projectos se escolherá o architecto que deverá dirigir a execução da obra.

Na hypothese (C) Por convite pessoal a um limitado numero de architectos escolhidos, a tomarem parte no concurso para. . . . (*aqui descreva-se a obra projectada*), cada concorrente receberá lbs. . . . (*indique-se a somma*) para o preparo de seu projecto. O auctor do projecto a quem possa ser concedido o primeiro logar na escolha por merito será empregado em executar a obra.

Em todo o caso, (A) (B) e (C) a somma da re-

muneração pelos projectos será fixada pelos promotores, conformando-se com a opinião do accessor ou accessores da profissão.

6.º Cada projecto será conhecido sómente pela epigraphe ou divisa, e qualquer diligencia para influir na decisão dos promotores ou do accessor ou accessores inhabilitará o candidato a tomar parte no concurso.

7.º Qualquer projecto será excluido do concurso:

a — se for mandado depois do tempo aprasado, exceptuando os accidentes no transitio;

b — por violação das instrucções;

c — se não der substancialmente a accommodação exigida;

d — se exceder os limites do sitio, e

e — se o accessor ou accessores (com ou sem o auxilio do agrimensor) determinar que o custo provavel excederá a pretendida despeza (se fôr indicada nas instrucções) ou o orçamento do competidor, se a despeza não fôr especificada.

8.º É para desejar, no concurso final sobre a secção (A) da clausula 5, que todos os projectos submettidos, excepto algum excluido sab a clausula 7, sejam com o consentimento dos seus auctores publicamente exhibidos depois da sentença final. As decisões do accessor ou accessores e dos promotores serão publicadas no tempo da exposiçào.

9.º A obra effectuada por qualquer forma deve ser dirigida pelo architecto cujo projecto tenha sido julgado como melhor, e esse architecto collocar-se-ha exactamente na mesma posição em relação ao proprietario e á obra projectada, como se tivesse sido sómente profissionalmente consultado.

No caso que do concurso tenha resultado a escolha de um architecto, e de que as instrucções, para proceder mais adiante no objecto, não lhe sejam dadas no praso de doze mezes. contados do tempo do architecto ter sido escolhido, deverá ser pago pelo preço usual profissionnal, sob o conselho do accessor ou accessores, exclusiva a somma que lhe fôr paga em commum com os outros concorrentes: um tal pagamento será tomado na conta da commissão, se a obra fôr levada a effeito n'um tempo futuro debaixo da sua superintendencia do projecto submettido por elle no concurso.

J. Macvicar Anderson — Secretario honorario.
William H. White — Secretario.

9 d'Abri! de 1883.

BIOGRAPHIA DO PRINCIPE PRISDANG

Havendo o principe de Prisdang, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua ma-

gestade o rei de Siam em Portugal, sido aclamado socio honorario da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, na sessão do mez de Abril de 1883, será agradavel decerto para os

socios d'esta Associação terem conhecimento das habilitações scientificas de sua alteza, dos importantes serviços que tem prestado ao seu paiz, e das distincções que tem merecido como diplomata e como engenheiro.

* * *

O principe Prisdang, cuja biographia vamos a traços largos esboçar, foi o primeiro representante na Europa como ministro residente do reino de Siam: não tinha menos direito este paiz a ser representado no continente europeu do que a China ou o Japão, pois é um dos mais ricos paizes do extremo oriente.

* * *

O principe Prisdang nasceu em Bangkok, capital de Siam, a 22 de fevereiro de 1852; é de uma illustre familia, pois descende do principe Krom Khoon Rajaseet, neto do rei Rama Ihibovi VI, conhecido na Europa pelo titulo de Phra Nang Klao.

Encetou os seus estudos em Londres, tendo professor particular durante um anno, depois entrou como estudante livre no King's College, onde permaneceu pelo espaço de cinco annos, seguindo tão extraordinariamente o curso scientifico a que se destinava, que teve os primeiros premios em todas as cadeiras que frequentou, obtendo louvores no seu exame final e sendo considerado desde logo engenheiro distincto: para galardoar os seus brilhantes estudos e talento foi nomeado socio do King's College, e pouco depois recebia uma medalha de prata pelos seus desenhos de machinas e decoração, conferida pela sociedade para o incitamento das Artes e da Industria.

* * *

Foi convidado a voltar a Bangkok em 1877 para ser empregado como engenheiro e encarregado de levantar a planta do reino; pode-se suppôr a importancia d'uma tal commissão onde elle se houve distinctamente.

* * *

Em 1878 o rei actual de Siam Somdetch Phra Paramendr, Maha, Chulalou, Korn, enviou-o de novo a Londres para completar os seus estudos de engenheiro, sendo dirigido pelo sabio Sir John Hawkshaw, presidente do instituto dos engenheiros civis.

* * *

Em 1879 foi nomeado interprete da missão siameza enviada a Inglaterra e á Allemanha; no anno

immediato exerceu o cargo de 2.º secretario e interprete da embaixada extraordinaria encarregada de apresentar a S. M. a Rainha d'Inglaterra, ao principe de Galles, ao presidente da republica franceza e ao principe herdeiro do Imperio da Allemanha, as insignias da Ordem do Elephante branco, sendo por essa occasião encarregado da revisão d'um tratado com estas potencias, e outros paizes que estão em relação com o reino de Siam; recebeu então as seguintes decorações: — da rainha de Inglaterra, a cruz da ordem de S. Miguel e de S. Jorge; do imperador d'Allemanha, a cruz de commendador da corôa da Prussia; e do presidente do republica franceza, a ordem da Legião de Honra.

* * *

Em 1880, de volta ao seu paiz, foi nomeado secretario particular de S. M. A Rainha, e coronel do regimento da vanguarda.

Os serviços eminentes, os talentos diplomaticos que o principe tinha desenvolvido nas differentes missões de que tinha sido encarregado, deram logar a que fosse escolhido como enviado extraordinario junto das côrtes de Berlim e de Vienna, aproveitando a sua estada na Allemanha para estudar a organização militar d'estes dois paizes onde tinha sido assaz considerado: por esta occasião recebeu do imperador de Allemanha a cruz de segunda classe da ordem da Aguia Vermelha; e do imperador de Austria a commenda da ordem de Francisco José.

* * *

O rei Humberto nomeou-o official da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro; e o rei das ilhas de Sandwich conferiu-lhe o grão de commendador da ordem de Kalkivan d'Hawai.

No fim do anno de 1882 foi investido do cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto das côrtes com as quaes o reino de Siam tem tratados de paz, assim como junto das republicas Franceza e dos Estados Unidos da America.

* * *

Na sua viagem a Portugal no presente anno, em missão diplomatica, motivada por tratados de commercio entre os dois paizes, visitou a nossa Associação e museu, e dignou-se offerecer o seu retrato em photographia firmado com a sua assignatura, para ser collocado no album, destinado aos socios d'esta Real Sociedade.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O digno Secretario da Assembléa geral da nossa Associação o sr. Visconde de Alemquer offereceu para o Museu um grande fragmento de argamassa romana

descoberta nas suas propriedades de Alemquer, na qual se vêem incrustados vestigios calcareos crystallizados, de curioso aspecto.

O nosso consocio o sr. José da Cunha Abreu Peixoto offereceu para o nosso museu um emblema em escultura de alto relevo, representando um corvo

com duas iniciais S V; pertencente a um antigo edificio em Ilhavo, que era propriedade do mosteiro de S. Vicente de Lisboa.

Um exemplar da importante publicação de Monumentos e Lendas de Santarem, pelo sr. Zephyrino N. G. Brandão, foi offerecido á nossa Associação por este intelligente investigador de antiguidades nacionaes, digno socio da nossa Associação.

O doutor belga Mr. A. de Ceuleneer, Membro da Academia de Archeologia da Belgica, offereceu á nossa Real Associação um opusculo muito interessante: *Le Portugal, notes d'art et d'archéologie* — No qual trata dos trabalhos do congresso d'anthropologia e archeologia que se reuniu em Lisboa no anno de 1880; bem como dos nossos monumentos, e galeria das Bellas-Artes de Lisboa; dos quadros pertencentes a S. M. el-rei o sr. D. Fernando; e dos quadros do Gran

Vasco em Vizeu, fazendo analyse com grande intelligencia e imparcial criterio. Occupa-se tambem do fabrico e merecimento dos azuleijos, dando esclarecimentos scientificos ácerca d'esta industria em diferentes epochas e paizes, de muita importancia e proveito para o estudo d'esta especialidade da ceramica.

O distincto Director do Conservatorio Real de Lisboa o sr. Luiz Augusto Palmeirim, mandou para o nosso museu archeologico do Carmo, uma lapide contendo gravado um emblema, e tambem um capitel encontrado no desaterro de um pateo exterior pertencente ao extinto convento dos Caetanos.

O catalogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, foi nos offerecido pelo seu muito illustrado conservador, o nosso digno socio correspondente, sr. doutor João Ayres Corrêa de Campos.

NOTICIARIO

O Congresso d'Archeologia da Associação Franceza reuniu-se este anno na cidade de Odem. Os seus membros aproveitaram a occasião para irem a Bayeux depôr uma coroa aos pés da estatua de Mr. de Caumont, que havia 50 annos fundara esta associação, que tão valiosos serviços tem prestado á sciencia de archeologia, e á França, concorrendo com efficaz desvelo na conservação dos monumentos historicos e artisticos d'aquella nação.

Mr. Palustre fez um discurso, honrando os trabalhos, e assignalados serviços que Mr. de Caumont havia prestado aos progressos dos estudos de archeologia, não sómente no seu paiz, mas igualmente nos outros onde esta sciencia era cultivada. O orador recebeu calorosos applausos de todos os assistentes e das auctoridades que acompanharam esta manifestação de preito ao sabio fundador d'aquella associação e ao benemerito cidadão que dá impulso aos estudos d'esta sciencia que tem servido de exemplo nos outros paizes cultos para se evitar o vandalismo, e saber-se apreciar os monumentos que recordam os factos mais gloriosos da existencia das nações.

Finda esta homenagem á memoria do illustrado varão, dirigiram-se os membros do congresso, acompanhados pelo maire, a ver a casa em que tinha nascido Mr. de Caumont, e n'esta occasião pediram ao presidente do Municipio para que uma lapide fosse collocada n'aquella habitação, para recordar ás gerações futuras o nome de tão benemerito cidadão; bem como a rua d'aqui em diante ficasse sendo designada pelo nome de Caumont, a cujo pedido o maire annuiu da melhor vontade. E' por testemunhos d'esta ordem que os povos civilizados sabem dar devida veneração aos homens que illustram a sua patria.

* *

O decimo segundo congresso dos architectos civis francezes teve logar no dia 13 de junho na Escola de Bellas-artes em Paris. Presidiu o architecto mr. Questel, membro do Instituto. Depois do discurso do presidente em que declarava terem sido fecundas estas reuniões annuaes, pois que as questões d'arte e d'archeologia tinham sido desenvolvidas com bastante competencia pelos socios, concedeu a palavra a mr. Desjardin sobre o Arco romano d'Orange.

Mr. Charles Lucas, digno socio correspondente da nossa Associação, tratou das questões dos concursos.

Um relatorio das sessões do Congresso das sociedades sabias apresentado por mr. Corroyer, mereceu a maior attenção dos membros pelas suas sensatas observações e excellentes termos. Trata tambem de descrever as ruinas descobertas em Sauxay pelo sabio archeologo mr. P. de la Troia, o qual julga serem aquelles vestigios contemporaneos dos Antoninos, citando dados historicos e artisticos de subido interesse. Deliberou o Congresso representar ao ministro competente para se curar da conservação d'estas ruinas.

Mr. Albert Lenoir, membro do Instituto, fez uma conferencia ácerca dos *madeiramentos e suas transformações*, desde os tempos mais remotos e em diversos paizes até aos gregos; merecendo geral attenção pela importancia do assumpto, como pela sabedoria do eminente archeologo.

Em seguida fez leitura mr. Queien do relatorio para serem conferidas recompensas pelo Congresso dos Architectos aos discipulos da Escola de Bellas-artes, ás escolas particulares, ao Circulo das Alvenias, ao pessoal das construcções civis e industrias d'arte. Conferiram-se os seguintes premios:

Escola de França em Athenas: uma medalha de bronze a mr. Pattier e Rimach, pelas escavações archeologicas de Myrrheun.

Escola das Bellas-artes: uma medalha de prata.

Escola decorativa: uma medalha de prata.

Escolas particulares de architectura: uma medalha de prata.

Escola municipal dos aprendizes: uma medalha de prata, aprendiz de serralheiro; uma medalha de bronze.

Pessoal das obras: duas medalhas de prata, mestres pedreiros. Cinco medalhas de bronze para mestres de serralharia de ornato; mestre pintor, idem carpinteiro, idem pedreiro.

Industria d'arte: uma medalha de prata, esculptura; e outra de bronze.

Concluindo o Congresso conferiu duas medalhas de prata aos architectos, mr. Dainville de Paris e mr. Lenoir de Nantes, por construcções particulares. Menção de archeologia a mr. G. Rohaul de Fleury, architecto de Paris.